CONFIGURAÇÕES DO CAMPO DO ENSINO DE BIOLOGIA E SUAS COMPOSIÇÕES COM AS *TRANS*EXUALIDADES

Sandro Prado Santos – Docente da FACIP/UFU

Matheus Moura Martins – Graduando em Ciências Biológicas – FACIP/UFU. Bolsista PIBID

RESUMO

Propomos uma reflexão das configurações do campo do Ensino de Biologia com os corpos *trans* no espaço escolar. O diálogo é fruto de duas investigações qualitativas em Educação, uma, junto a docentes de Biologia de escolas públicas estaduais de Ituiutaba/MG e pessoas *trans*; e, outra que mapeou, nas Edições dos Encontros Nacionais do Ensino de Biologia (ENEBIO's), o que as produções do discurso 'autorizado' da Biologia têm dito das experiências de pessoas *trans,* já que compõe uma instância cultural que fala e produz como são e devem ser os corpos. Produções de Louro, Foucault e Butler nos ajudaram a pensar os corpos *trans* e não *trans* como espaços de produção e reinvenção de si em um constante devir atravessado por perspectivas biológicas, psicológicas, sociais e culturais. Encontramos nos discursos uma complexa rede de saberes e poderes, no campo das essências orgânicas hormonais e cromossômicas, como uma (con)formação única dos corpos *trans*. No entanto, as marcas oficiais no campo dos ENEBIO's têm mostrado uma produção não engajada com as discussões dos corpos *trans*. Instala-se um ruído, pois apesar e no quase silêncio das marcas oficiais no campo do Ensino de Biologia as questões que atravessam as experiências *trans* permanecem sendo ensinadas.

Palavras-Chave: Ensino de Biologia; Educação; Transexualidades.

INTRODUÇÃO

A escola constitui uma instância (des)educativa que fala, produz e (in)visibiliza processos de agenciamentos dos corpos. (LOURO, 2000). Juntamente com ela a disciplina escolar Biologia tem sido apontada, historicamente, como espaço e voz 'autorizada' na produção de 'verdades' sobre como devem ser os corpos, gêneros e sexualidades. No entanto, os diálogos com os campos de pesquisa em corpo, gênero e sexualidade têm enfrentado disputas, religiosidades, moralizações, marginalizações e (des)territorializações na composição curricular dos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas.

Nesse contexto nos últimos sete anos temos acumulado experiências de ensino, pesquisa e extensão sobre a discussão de gêneros e sexualidades em curso de graduação, licenciatura e bacharelado em Ciências Biológicas, e, nas escolas públicas de educação básica. Os encontros e composições, nessas instâncias, nos contam o quanto essas discussões atravessam o cotidiano escolar, afetam os cursos de formação de professores/as, bem como as experiências de corpo, gênero e sexualidade dos/as atores/as escolares.

A pesquisa de Netto (2015) "*Qual corpo é pensável e enunciável no Ensino de Ciências e Biologia? O que coloca em operação e funcionamento?",* junto com professores/as de Ciências e Biologia, apontou que as discussões de corpo nas aulas se ocupam "[...] de um organismo biológico, anatômico, fisiológico, esquartejado, medicalizado, fragmentado por pedaços, um corpo distante da vida vivida e próximo das configurações hormonais, reprodutivas e sistêmicas". (p. 9), fazendo operar sexo e gênero, como um dado fixo no imperativo biológico, centrados na heterossexualidade compulsória. Composições de corpos enredadas com a Biologia, mas que (des)opera sexo e gênero da compulsoriedade da heterrosexualidade são fabricados como corpos abjetos (BUTLER, 1999), uma impostura orgânica. Os (opera)dores de sexo, gênero, reprodução invocados pelo Ensino de Biologia e vetorializados pela tecnologia social da heterossexualidade (com)formam os corpos no lineamento de sexo-gênero-desejo-práticas sexuais. Corpos que importam. (BUTLER, 2003).

Desse modo, as experiências que não importam no espaço escolar, sobretudo, a da transexualidade são alvo de nossas investidas acadêmicas na denuncia de práticas que as negligenciam e capturam no campo da anormalidade, limitando a reinvenção de si e o *devir* dos corpos pela invocação perversa do campo da Biologia.

Nesse sentido, a presente proposta é fruto de duas investigações qualitativas em Educação, uma, junto a docentes de Biologia de escolas públicas estaduais de Ituiutaba/MG e pessoas *trans*; e, outra que mapeou, nas Edições dos Encontros Nacionais do Ensino de Biologia (ENEBIO's) da 1ª edição à 5ª edição. A indicação do diálogo entre as duas investigações se deu devido à presença de ruído das

configurações do campo do Ensino de Biologia com os corpos *trans* no espaço escolar.

(*TRANS*[1])VERSALIZANDO A FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: A EMERGÊNCIA DA PRIMEIRA INVESTIGAÇÃO

No ano de 2010 iniciamos no âmbito de um curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (FACIP/UFU) as discussões de transexualidade no componente curricular "*Educação, Saúde e Sexualidade".* No módulo "*Corpos em trânsito: transexualidade e travestilidade*" convidamos pessoas que se autoidentificam como *trans* para construirmos coletivamente um diálogo das possibilidades dos atravessamentos de gênero que operam sobre todos/as nós. A aposta foi de criar nos processos formativos, desestabilizações de ideias da existência de uma categoria identitária binária, e, de uma biologia fixa e imutável. Em 2013, o autor desse trabalho, orientou um projeto de pesquisa de conclusão de curso em Ciências Biológicas da FACIP/UFU sobre "*Cenas escolares vivenciadas por travestis da cidade de Ituiutaba/MG: lembranças, aproximações e distanciamentos dos processos de estigmatização*". Nesses encontros e composições com as travestis fomos afetados com modos existenciais peculiares e dissidentes. Foi desafiador, pois as colaboradoras da pesquisa nos colocaram em contato com exclusões de toda ordem e com os processos de marginalização das potencialidades de seus desejos e práticas. Tais afetos nos levaram a proposição de um projeto intitulado *Diálogos com travestis: (Trans) formação inicial e continuada de professores/as da Educação Básica* do Programa Bolsa de Graduação[2], que teve como objetivo construir ações de ensino, pesquisa e extensão com travestis na formação de professores/as. As ações do projeto possibilitaram perceber que com o corpo e desejo, as travestis, ampliam e questionam os limites escolares. Seus modos de existência tencionam a formação de professores/as, a organização e as narrativas normativas da escola e a

[1] Utilizamos o prefixo *trans* ao longo desse trabalho na perspectiva de promover a instabilidade, a mobilidade, um devir como potência de reorganizar a formação docente, bem como a experiência dos trânsitos de gênero que desarmem a armadilha identitária.

[2] Edital PBG/UFU/UBERLÂNDIA/PONTAL - 001/2014.

constituição dos espaços escolares. Esse projeto refere-se a uma das investigações apontada nesse texto.

Frutos de nossas apostas e tensionamentos, da Educação Básica e do Ensino Superior, de que a escolarização dos corpos e sexualidades sempre foi objeto da escola e historicamente implicados com o Ensino de Biologia, tivemos a aprovação pelo Núcleo Docente Estruturante do curso de Ciências Biológicas do componente curricular obrigatório *Corpo, Gênero e Sexualidade* no curso de Licenciatura. Esse vem sendo ofertado desde o 2º semestre do ano de 2014.

COMO A EXISTÊNCIA *TRANS* TEM SIDO ENSINADA?

Nos diálogos entre pessoas *trans* com a formação de professores/as de Biologia da Educação Básica refletimos acerca das concepções que são evocadas com a experiência da transexualidade. Os/as professores/as colaboradores/as da pesquisa se ocupam de uma materialização dos corpos no alinhamento de sexo/gênero, excluindo, estranhando, marginalizando e (pato)logizando as expressões que borram o contorno definido como norma binária dos gêneros. Prestam-se a um modelo de corpo ordenado, estabilizado e associado aos dispositivos de poder que o pensa e produz no território dos órgãos, sistemas, na genética e nos sexos como uma "verdade" inexorável da Biologia. (SANTOS; ARAÚJO, 2015a). "*A travesti já nasce com essa pré-disposição para ter esse comportamento de cunho sexual, e, o ser travesti é um comportamento de cunho sexual mesmo"* (**Osvaldo, 2015**)[3]; "*(...) é uma questão genética, eu alerto para uma questão hormonal e até psicológica"* (**Caio, 2015**)[4]. (SANTOS; ARAÚJO, 2015a, p. 4). A disciplina escolar Biologia constrói e se serve de várias estratégias de regulação e controle da diferença a partir de uma lógica binária.

No diálogo com Osvaldo e Caio foi recorrente o acionamento da materialidade biológica como fundação da identidade de gênero. Nesse contexto, quais produções de gênero, no ensino de Biologia, estão sendo (in)visibilizadas? Um gênero fixo, essencialista e substancial dos corpos. Nesse contexto, o que eles estão ensinando

[3] Fala retirada da pesquisa de Santos; Araújo (2015a).
[4] Fala retirada da pesquisa de Santos; Araújo (2015a).

sobre os corpos que escapam dessa produção, especificamente das pessoas *trans*? Há uma invocação da biologia que limita as experiências das pessoas *trans* nesse campo de ensino. O outro diferente, dessa biologia que foi acionada, funciona como portador de falhas genéticas, hormonais, psicológicas *e*... *e*... (SANTOS; ARAÚJO, 2015a).

No entanto, os corpos *trans* nos indicam pistas que (des)informam essa Biologia ensinada na escola e colocando-a em movimento com o campo do sensível. Lançando-nos num (des)aprendizado de si.

Cintia ao hormonizar-se sente "(...) *mais mulher ainda, me deixa melhor sabe, que eu me olho no espelho e vejo aquela figura feminina sabe, aumenta o ego da gente. Eu (...) vejo uma mulher ali no espelho, [...] mas hoje em dia eu nem penso em me operar. Porque eu me sinto mais mulher na cabeça do que no órgão sexual*" (2014)[5]. Esse diálogo com Cintia aponta para uma feitura dos corpos como território de produção e reinvenção de si. Há modos de deslocamento de pensar a biologia como destino de coerência de sexo e gênero. Cíntia abre o corpo ao campo da experimentação sensibilizando-o aos elementos biológicos, psicológicos, culturais e temporais que o compõem. Aberto ao devir.

Em mais uma investigação, marcamos que a presença das pessoas *trans* desestabiliza a escola e o Ensino de Biologia (SANTOS; ARAÚJO, 2015b). Nesses espaços os corpos, gêneros e sexualidades continuam sendo ensinados. Como o campo oficial do Ensino de Biologia tem figurado com experiências de pessoas *trans*?

A SEGUNDA INVESTIGAÇÃO: MAPEANDO AS PRODUÇÕES DO CAMPO OFICIAL DOS ENEBIO'S[6] – NO QUASE SILÊNCIO DO ENSINO DE BIOLOGIA

[5] Fala retirada da pesquisa de Santos; Araújo (2015a).

[6] Os Encontros Nacionais do Ensino de Biologia são realizados pela SBenBio - uma sociedade civil de caráter científico e cultural, sem fins lucrativos, que tem por finalidade promover o desenvolvimento do Ensino de Biologia e da pesquisa em Ensino de Biologia entre os/as profissionais desse campo de conhecimento. A sociedade foi criada em 1997 no VI Encontro de Perspectivas do Ensino de Biologia realizado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). No entanto, o primeiro encontro nacional foi datada em 2005 no Rio de Janeiro/RJ. Ver. Revista da Sociedade Brasileira de Ensino de Biologia, ano 1, número 0, ago. 2005.

O mapeamento do campo oficial do Ensino de Biologia e (con)figurações com a transexualidade foi oriundo de uma investigação maior de um Trabalho de Conclusão de Curso, em andamento, que se propõe analisar os sentidos de gênero[7] das produções dos Encontros Nacionais do Ensino de Biologia da 1ª à 5ª edição[8]. As produções foram acessadas a partir dos anais desses encontros. Consideramos todas as modalidades de trabalhos inscritos nos eixos temáticos a partir da busca dos descritores: Gênero e/ou Sexualidade nos títulos e resumos. Encontramos 52 trabalhos que apresentavam as articulações de gênero e sexualidade no Ensino de Biologia. Foi recorrente nas produções uma relação mimética entre sexo e gênero, uma continuidade entre corpos sexuados e gêneros inteligíveis, isto é, ser homem alinhado exclusivamente a corpos masculinos e ser mulher colado aos corpos femininos. Por entendermos que a experiência da transexualidade se dá atravessada pelo gênero e não encontramos nessas produções a possibilidade de trânsitos, apontamos que há um silenciamento e captura dessas vidas.

Esse silenciamento nos provocou incômodos por apostarmos que outros tipos de corpos e experiências também (re)existem ao corpo, ao gênero e sexualidade assumida por uma biologia que se presta ao silêncio das multiplicidades no espaço escolar. As provocações, a partir da potência dos corpos *trans* de (des)organizar o discurso biológico (SANTOS; ARAÚJO, 2015b), foram estendidas aos Encontros Regionais de Biologia na tentativa tecer laços, estranhar a formação docente e deslocar o Ensino de Biologia (SANTOS; ARAÚJO, 2015a), alinhavando-os com Ciência e Culturas; políticas, inquietações, saberes e sensibilidades.

As marcas oficiais no campo dos ENEBIO's têm mostrado uma produção não engajada com as discussões dos corpos *trans*. Instala-se um ruído, pois apesar e no

[7] Estamos assumindo o conceito de gênero para além de práticas discursivas e linguísticas. Compreendemos que ele também tem uma feitura na materialidade orgânica dos corpos. (PRECIADO, 2014).

[8] A 6ª edição do Encontro Nacional de Ensino de Biologia realizado em outubro de 2016 na Universidade Estadual de Maringá/PR não foi mapeada, pois no momento da realização do levantamento da referida pesquisa os trabalhos publicados nos anais do evento não estavam disponibilizados.

quase silêncio das marcas oficiais no campo do Ensino de Biologia as questões que atravessam as experiências *trans* permanecem sendo ensinadas no espaço escolar.

CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS

Se o Ensino de Biologia ficar entregue aos seus próprios dispositivos (FOUCAULT, 1988) para definir por si aquilo de que pode um corpo sem mais averiguações de possibilidades, será impossível apostar em outros modos de experiências do corpo. Nessa arena de disputa a transexualidade ficará condenada a uma experiência pato-*lógica*.

Como podemos conter tanta diversidade, tantas células, tantos órgãos, tantos genes, tantas moléculas, tantos átomos, tanta expansão da biotecnologia que dobrados de tal fôrma, a transexualidade é relegada para a província marginal da vida?

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, G. **O corpo educado. Pedagogias da Sexualidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Problemas de Gênero**: Feminismo e Subversão da Identidade. Tradução de Renato Aguiar. 1.ed. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, v.2, n.25, jul/dez. 2000, p. 59-76.

NETTO, Hellen de Sousa Coelho. **Qual corpo é pensável e enunciável no Ensino de Ciências e Biologia?** O que coloca em operação e funcionamento? 69f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Faculdade de Ciências Integradas do Pontal, Ituiutaba, 2015.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**: Práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SANTOS, Sandro Prado.; ARAÚJO, Ronaldo Batista de. As *trans*experiências “Sob o foco, a mira e um olhar microscópico”: deslocamentos no Ensino de Biologia. In: VII Encontro Regional de Biologia RJ/ES – Tecendo laços docentes entre Ciência e Culturas. SBEnBio – Regional 2 – Rio de Janeiro e Espírito Santo. **Anais...**

Niterói/RJ, Universidade Federal Fluminense, ago./2015a, p. 715-719. ISSN: 978-85-88578-09-8.

SANTOS, Sandro Prado.; ARAUJO, Ronaldo Batista de. Corpos que ensinam e (des)organizam o discurso biológico: reflexões e diálogos na formação inicial de professores/as de Ciências e Biologia. In: III Encontro Regional de Ensino de Biologia. Ser professor de Ciências e Biologia: Entre políticas, inquietações, saberes e sensibilidades. SBEnBio Regional 4 – MG GO TO DF**. Anais...** Juiz de Fora/MG, 2015b. ISSN: 2446-788X.

CONFIGURATIONS OF THE FIELD OF BIOLOGY EDUCATION AND ITS COMPOSITIONS WITH TRANSEXUALITIES

ABSTRACT

We propose a reflection of the configurations of the field of Teaching of Biology with the trans bodies in the school space. The dialogue is the result of two qualitative investigations in Education, one, next to Biology professors of state public schools of Ituiutaba / MG and trans people; And the other that he mapped in the Editions of the National Meetings of Teaching of Biology (ENEBIO's), what the productions of the 'authorized' discourse of Biology have said of the experiences of trans people, since it composes a cultural instance that speaks and produces as they are and must be the bodies. Productions of Louro, Foucault and Butler have helped us to think trans and non-trans bodies as spaces of production and self-reinvention in a constant flow of biological, psychological, social and cultural perspectives. We find in the speeches a complex network of knowledges and powers, in the field of hormonal and chromosomal organic essences, as a unique (con)formation of trans bodies. However, the official brands in the field of ENEBIO's have shown an uncommitted production with discussions of trans bodies. There is a noise, for despite and in the near silence of the official marks in the field of Teaching of Biology the questions that cross trans experiences continue being taught.

KEYWORDS: Teaching of Biology; Education; Transexualities.